

INTERSECCION ALIDADE: CONCEITO E HISTÓRICO

MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA
TELES/2021



VÍDEO

CARLA AKOTIRENE



TEORIA DO NÓ: HELEIETH SAFFIOTI (1934 – 2010)

Segundo Saffioti, pelo menos três contradições fundamentais devem ser levadas em conta, ao analisar a realidade: gênero/sexo, raça/etnia e classes sociais.

Não se trata de somar racismo + sexism + classes sociais.

Trata-se de perceber que a complexa realidade, no mínimo, resulta da fusão dessas contradições.

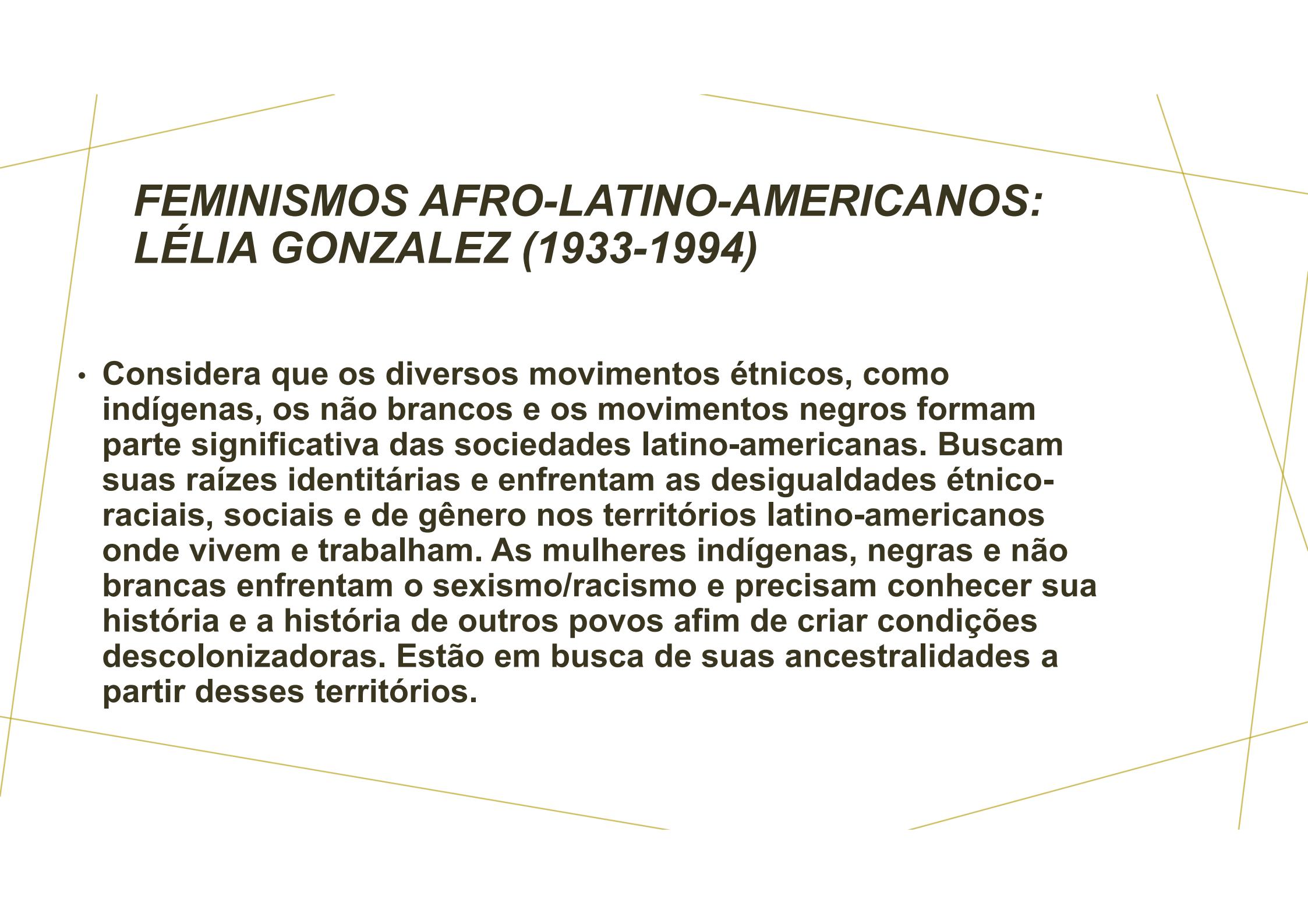
As discriminações não são apenas quantitativas mas qualitativas.

O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas num nó. No nó elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. (1987)

- **Conceito e quando começou o seu uso:**
- **Interseccionalidades:** São formas de capturar as consequências de interação entre duas ou mais formas de subordinação, sexism, racism, patriarcalismo. É uma categoria que busca superar a noção de sobreposição de opressões. É um tipo de opressão com características próprias. É conceito usado para dar um passo além na noção de discriminações múltiplas muito propagandas nas análises sobre a situação das mulheres negras. (Kimberlé Crenshaw, jurista feminista negra, dos EUA, que usou pela primeira vez a expressão com este sentido, por volta de 1989).

FEMINISTAS QUE CONTRIBUÍRAM NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO!

- "É o entendimento de que a luta das mulheres deve ter uma abordagem na qual os vetores: raça/etnia, gênero/sexualidade, classe social, moldam as experiências das mulheres negras e suas intervenções. Interseccionalidade é como um sistema de opressões interligados. (Patrícia Hill Collins (1948 -) (2019, p.460)
- Além da violência atravessar as raças, classes e gerações, as queixas das mulheres negras sofrem estigmatização pelos aparelhos do Estado, devido às mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos , identificados como pontos de tráfico de drogas pelas mídias televisivas. O machismo propicia aos agressores de mulheres, delegados, juízes e ativistas de direitos humanos, o encontro de iguais, pq a polícia que mata os homens no espaço público é a mesma que deixa as mulheres morrerem dentro de suas casas – o desprestígio das lágrimas de mulheres negras invalida o pedido de socorro, epistemológico e policial. (Carla Akotirene, 2019, p.69)



FEMINISMOS AFRO-LATINO-AMERICANOS: LÉLIA GONZALEZ (1933-1994)

- Considera que os diversos movimentos étnicos, como indígenas, os não brancos e os movimentos negros formam parte significativa das sociedades latino-americanas. Buscam suas raízes identitárias e enfrentam as desigualdades étnico-raciais, sociais e de gênero nos territórios latino-americanos onde vivem e trabalham. As mulheres indígenas, negras e não brancas enfrentam o sexismo/racismo e precisam conhecer sua história e a história de outros povos afim de criar condições descolonizadoras. Estão em busca de suas ancestralidades a partir desses territórios.

CARLA AKOTIRENE: INTERSECCIONALIDADE (2019)

- Carla Akotirene (Salvador /BA) coloca ser imperativo aos ativismos , incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política.
- Combinadas, essas estruturas, requerem dos grupos vitimados alguns requisitos:
 - 1. instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero.
 - 2. sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários.
 - 3. atenção global para a matriz colonial, evitando assim o desvio analítico para apenas um eixo de opressão.

A INTERSECCIONALIDADE É UM DESAFIO PARA ENFRENTAR AS ROTAS HEGEMÔNICAS DA TEORIA FEMINISTA DA MULHER UNIVERSAL !

- "Enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pela necropolítica. (Akotirene, 2019, p. 22) Refere-se ao pensamento interseccional de Audre Lorde (1934 – 1992) pensadora estadunidense de origem caribenha) e Achille Mbembe (1957 -) nascido em Camarões, na África Central.
- Akotirene faz questão de dizer que "é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade". As mulheres negras não querem ser tratadas "como a mãe preta, sobrenatural, matriarca, guerreira, que tudo aguenta e suporta".
- Ela trata a interseccionalidade como ferramenta ancestral ao se referir a Sojourner Truth que tornou-se pioneira do feminismo negro ao proferir o discurso em 1851: "Eu não sou uma mulher?"

EU NÃO SOU UMA MULHER?

- "Aquele homem ali, disse que as mulheres precisam ser ajudadas a entrarem em carruagens, ser erguidas sobre valas e ter os melhores lugares em qualquer ocasião. Ninguém nunca me ajudou a subir numa carruagem, ou atravessar poças de lama ou me deu um melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para os meus braços! Eu tenho arado, plantado e trazido a colheita para celeiros e nenhum homem me superou! E eu não sou uma mulher? Eu pude trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comer – e aguentar as chibatadas da mesma maneira! E eu não sou uma mulher? Eu dei à luz treze crianças, e vi todas elas serem vendidas como escravas e quando eu chorei minha dor de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu! E eu não sou uma mulher?"(Sojourner Truth, 1851)

NÃO EXISTE HIERARQUIA DE OPRESSÃO ! (AUDRE LORDE)

- "A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Não se somam identidades. Analisam-se as condições estruturais que atravessam corpos, quais as posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade." (Akotirene, p.43 e 44)

FEMINISMO NEGRO!

Akotirene escreve: "Acompanho Kimberlé Crenshaw, pois uma vez protegidos do racismo, podemos nos proteger de qualquer violência e lutar por mais tempo contra as necropolíticas. Seu trabalho clássico: "Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor" (1989)" traz com rigor as subordinações raciais e sexuais mutuamente reforçadas."

Angela Davis: "Entre nós, havia aquelas pessoas que reconheceram que tínhamos de descobrir uma forma de reunir tais questões (raça/etnia, cor da pele, gênero/sexo e classe social). Elas não estavam separadas em nossos corpos e também não estão separadas em termos de luta." (p.108) (Ela critica o uso punitivista do termo).

CONCLUSÃO

- O termo tem sido muito usado pelas feministas negras jovens que o assimilaram e tem sido uma ferramenta importante para articular lutas cotidianas.
- "Como demonstrou Akotirene , para nós, feministas negras, interseccionalidade é mais do que um conceito - é uma teoria e também uma ferramenta de luta política que nasce do cotidiano, dos enfrentamentos e dos desafios políticos das mulheres negras que envolve interpretações teóricas da realidade a partir de certo ponto de vista." (2019) (Angela Figueiredo, professora e pesquisadora do Centro de Artes Humanidades (CAHL - UFRB)
- Para leitura: "Interseccionalidade" de Carla Akotirene, Feminismos Plurais, 2019.